

O ALTEAMENTO DA POSTÔNICA NÃO FINAL /e/ NO FALAR POPULAR DE FORTALEZA: UMA ABORDAGEM VARIACIONISTA

Aluiza Alves de Araújo (UECE)
aluizazinha@hotmail.com

1. Introdução

O vocalismo átono do português brasileiro, principalmente o da pauta postônica, há bastante tempo é conhecido pelos estudiosos da língua e, na atualidade, tem despertado o interesse dos sociolinguistas por sua realização extremamente variável.

O fenômeno em questão é abordado aqui sob a perspectiva da teoria sociolinguística laboviana, por este modelo privilegiar a análise da linguagem em uso e por possibilitar a sistematização das variações/mudanças linguísticas.

Utilizando uma amostra constituída por 83 informantes, provenientes do *corpus* do Projeto Norma do Português Oral Popular de Fortaleza (NORPOFOR), este trabalho tem o propósito de analisar a atuação de fatores linguísticos (contexto precedente, contexto subsequente, natureza da vogal precedente, natureza da vogal subsequente, classificação lexical e posição da vogal na palavra) e sociais (sexo/gênero, faixa etária e grau de escolaridade) sobre a realização da vogal média postônica não final /e/¹⁶⁸.

Por várias razões, considera-se bastante justificável o interesse em estudar o comportamento variável da postônica não final /e/. A primeira seria para termos uma melhor compreensão do funcionamento do sistema sonoro do português, em específico o português do Brasil. A segunda está relacionada ao fato de que os resultados desta pesquisa podem ser vistos como uma contribuição para o ensino de língua materna, já que o conhecimento da diversidade linguística brasileira é imprescindível em virtude das frequentes situações de heterogeneidade linguística com as quais, constantemente, professor e aluno se deparam em sala de aula; e

¹⁶⁸ O presente artigo é fruto dos resultados já alcançados pelo projeto de pesquisa intitulado *As vogais médias postônicas não finais no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*, com vigência de 01/2011 a 01/2013, conforme Resolução Nº 3398/2011-CEPE da Universidade Estadual do Ceará (UECE), de 16/08/2011.

para o ensino de língua estrangeira. A última justificativa seria uma contribuição aos estudos diacrônicos.

2. *Estudos variacionistas sobre as vogais médias postônicas no português brasileiro*

Apresentaremos agora os resultados dos estudos variacionistas mais recentes que abordam a realização das médias postônicas no português brasileiro, destacando o papel dos fatores linguísticos e sociais nestes trabalhos.

Sob a perspectiva sociolinguística e acústica, De Paula (2010) investiga o alçamento das vogais médias /e/ e /o/ postônicas não finais na fala do Estado do Rio de Janeiro, com base em corpora de características sócio (Projeto Norma Urbana Oral Culta do Estado do Rio de Janeiro – NURC/RJ, Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – PEUL e o *Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro* – APERJ) e geolinguísticas (*Microatlas Fonético do Estado do Rio de Janeiro* – AFERJ e *Atlas Fonético do Entorno da Baía de Guanabara* – AFeBG), além de dados provenientes da análise acústica das vogais analisadas. Nos bancos de dados de caráter variacionista, foram analisadas 121 entrevistas do tipo diálogo entre informante e documentador (DID) e, nos questionários geolinguísticos, selecionaram-se 07 questões que foram aplicadas a 96 informantes, com a finalidade de analisar os condicionamentos linguísticos e sociais que favorecem a regra em estudo.

Dentre os resultados da análise variacionista, destaca-se o uso quase categórico do alteamento da vogal média /o/, ao passo que a vogal /e/ apresenta o seguinte comportamento: na fala culta, predomina a variante [e], mas, na fala popular, a forma [i] é usada de forma quase categórica na área urbana, encontrando alguma resistência na zona rural. Embora a autora focalize sua atenção na regra de alteamento, a sua pesquisa também traz informações sobre o cancelamento da vogal. De acordo com De Paula (2010), o apagamento da vogal ocorre tanto na variedade culta (NURC-RJ) quanto na variedade popular (APERJ e PEUL). Este fenômeno também foi registrado nos dados de caráter geolinguístico (AFERJ e AFeBG). Para a autora, a escolaridade é o fator que mais favorece o alteamento das vogais médias postônicas não finais e, com relação aos fatores linguísticos, ela menciona que, nas análises finais, estes fatores foram descartados, porque a baixa produtividade das proparoxítonas e a al-

ta frequência de itens específicos acarretaram um condicionamento lexical.

Ramos (2009) estuda o comportamento variável das vogais postônicas não finais nos nomes, na variedade da região de São José do Rio Preto, interior de São Paulo, segundo os princípios da sociolinguística quantitativa e das fonologias não lineares: fonologia métrica, fonologia da sílaba e fonologia autossegmental. Partindo de uma amostra constituída de 19 inqueritos de fala espontânea do *corpus* IBORUNA e de 02 experimentos (de fala dirigida), desenvolvidos para o estudo de natureza fonológica, a autora objetiva analisar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre dois processos fonológicos: o alteamento das médias postônicas /e/ e /o/ e o apagamento de ambas as vogais.

A pesquisa de Ramos (2009) revela que a frequência de aplicação do processo de apagamento é muito baixa, ao contrário do que ocorre com a regra de alteamento que, no caso de /o/, apresenta os mais altos índices de alçamento, e, no caso de /e/, embora os números sejam mais discretos, também favorece a elevação na fala espontânea. Os traços da consoante seguinte e os traços da consoante precedente à vogal postônica não final constituem os contextos mais favoráveis ao apagamento das vogais. A única variável social selecionada para o apagamento foi a faixa etária. Segundo os dados obtidos para esta variável, as pessoas de 36 a 55 anos e as de mais de 55 anos usam mais o apagamento do que as faixas mais jovens, o que significa que há “uma tendência a uma estabilidade entre as variantes aplicação e não aplicação do processo de apagamento da postônica não final.” (RAMOS, 2009, p. 96).

França (2009) investiga a supressão da postônica não final em palavras proparoxítonas, no falar de 36 indivíduos das áreas urbana e rural de Jaru, no Estado de Rondônia, tendo como suportes teóricos: a sociolinguística variacionista, a fonologia prosódica e a fonologia métrica.

Os resultados desta pesquisa mostram que a variável faixa etária é a que exerce maior influência sobre o apagamento da vogal postônica não final. Os mais velhos atuam como aliados do apagamento, enquanto os mais jovens desfavorecem o processo. O fator tipo de entrevista, selecionado em segundo lugar, favorece, discretamente, o apagamento. A fala livre, isto é, espontânea, age, positivamente, na queda das proparoxítonas, ao contrário do que ocorre na fala dirigida, contexto pouco natural. A escolaridade foi selecionada como a terceira variável que mais beneficia o fenômeno. Os menos escolarizados contribuem para a síncope, en-

quanto os mais escolarizados tendem a inibi-la. Selecionado em quinto lugar, o fator sexo surge com pesos relativos próximos do ponto neutro. Os homens favorecem, levemente, o apagamento, ao contrário das mulheres. Dentre as variáveis linguísticas, o contexto fonológico precedente foi o que mais se destacou no favorecimento do processo.

Examinando a fala de 36 informantes do sudoeste de Goiás, Lima (2008) analisa os processos fonológicos decorrentes da síncope de palavras proparoxítonas, com base nos pressupostos da fonologia métrica, e também investiga, sob a óptica variacionista, os fatores linguísticos e sociais que agem, positivamente, na aplicação do processo.

Na análise variacionista, o apagamento da vogal (excluídos os casos de nocaute) apresenta baixa frequência (26,6%), ao contrário da manutenção das proparoxítonas. A autora observa que a variável mais relevante para o apagamento das vogais postônicas não finais é o grau de escolaridade. Os dados apontam que quanto menor o grau de escolaridade das pessoas, maior o emprego da supressão das postônicas não finais. O fator região geográfica, selecionado em penúltimo lugar, indica que a síncope é mais usada pelos informantes de Santa Helena de Goiás do que pelos indivíduos de Rio Verde. Segundo a autora, “esse resultado justifica-se pelas características de cada município. Ou seja, a economia em Santa Helena é estritamente voltada para a agricultura, a maioria dos moradores trabalha nas lavouras de cana e algodão.” (LIMA, 2008, p. 125). A pesquisadora conclui que o falar da zona rural favorece a queda das proparoxítonas. A última variável selecionada foi o fator sexo que apresenta os homens como favorecedores do processo, confirmando a teoria de que as mulheres, preocupadas com o seu papel social, são mais sensíveis às variantes de prestígio.

Com base na teoria da variação, Silva (2006) estuda os condicionamentos linguísticos e sociais que agem no sentido de favorecer o apagamento da vogal postônica não final no falar da cidade de Sapé, na Paraíba, a partir de dados da fala de 36 informantes.

Silva (2006) mostra que, com relação aos fatores linguísticos, o contexto fonológico seguinte é o que exerce maior influência sobre o apagamento e, quanto às variáveis sociais, a escolaridade, a faixa etária, o sexo e o tipo de entrevista, em ordem decrescente de relevância, surgem como as variáveis mais importantes na aplicação das formas sincopadas. Segundo a autora, quanto menor o tempo de permanência na escola, maior o emprego do apagamento. Sua pesquisa também revela que as pesso-

as com idade mais avançada são as que usam mais o apagamento, ao contrário dos mais jovens. Os homens aparecem como favorecedores das formas sincopadas, enquanto as mulheres mostram-se inibidoras do processo neste estudo. No que se refere aos fatores estilísticos, partindo dos resultados obtidos para a variável tipo de entrevista, a pesquisadora nota que contextos de menor formalidade são fortes aliados da redução das proparoxítonas, diferentemente do que acontece em contextos mais formais.

Nos estudos citados acima, nota-se que os fatores sociais exercem forte influência sobre a realização variável das proparoxítonas, destacando-se o efeito da escolaridade que desponta como fator social mais relevante para a compreensão deste fenômeno no português brasileiro.

3. Metodologia

A amostra desta pesquisa, composta por 83 inquéritos, foi extraída do acervo sonoro do banco de dados NORPOFOR¹⁶⁹ (Norma Oral Português Popular de Fortaleza), constituído com o objetivo de armazenar e disponibilizar material linguístico representativo do falar popular dos fortalezenses.

A opção por analisar amostras de fala do banco de dados NORPOFOR justifica-se em virtude deste projeto atender às exigências da pesquisa sociolinguística quantitativa no que concerne aos critérios de seleção dos informantes e de coleta de dados; em segundo, pelo significativo número de informantes (ao todo, são quase 200) estratificado de acordo com quatro variáveis sociais, que são o sexo/gênero, a faixa etária, o grau de escolaridade e o tipo de inquérito; em terceiro, ao desejo pessoal de estudar o falar fortalezense na norma popular¹⁷⁰; e, por último, ao fato de ter idealizado este projeto e participado da execução de todas as suas etapas.

¹⁶⁹ Araújo (2011) apresenta, em detalhes, a forma como se deu a constituição do NORPOFOR e informa sobre a situação atual do Banco de Dados.

¹⁷⁰ A expressão norma popular é entendida aqui como um conjunto de “variedades linguísticas relacionadas a falantes sem escolaridade superior completa, com pouca ou nenhuma escolarização, moradores da zona rural ou das periferias empobrecidas das grandes cidades”, conforme afirma Bagno (2003. p. 59).

O projeto NORPOFOR apresenta três tipos de registro: a entrevista entre informante e documentador (DID); a elocução formal (EF), isto é, pregações e palestras; e o diálogo entre dois informantes (D2). No entanto, decidiu-se trabalhar apenas com o primeiro, por dois motivos: um deles refere-se ao fato do objeto de estudo ser um fenômeno fonético, o que exigiria registros claros, onde o inconveniente da sobreposição de vozes não ocorresse constantemente, o que só seria possível com as duas primeiras modalidades de elocução; o outro, que elimina as elocuções formais, diz respeito ao interesse de estudar o comportamento da média postônica /e/ em contextos onde o informante exercesse o mínimo controle consciente sobre o fenômeno, o que, excetuando-se o D2, só seria viável nas entrevistas.

Os informantes do NORPOFOR apresentam o seguinte perfil: - são pessoas nascidas em Fortaleza ou que vieram do interior do Ceará morar nesta cidade com, no máximo, cinco anos de idade; - são moradores das seis regionais que dividem a cidade de Fortaleza; - nunca se ausentaram da capital cearense por um período superior a dois anos consecutivos; - são filhos de pais cearenses. Estes critérios foram adotados com o objetivo de neutralizar a interferência dos falares de outras regiões. - são de ambos os sexos; - possuem níveis de escolaridade diferentes (nenhum a 4 anos, B- 5 a 8 anos e C- 9 a 11 anos); - estão distribuídos em três faixas etárias (15 a 25 anos, 26 a 49 anos e 50 anos em diante).

A seleção dos informantes, quanto ao local de residência, ocorreu em 33 bairros distribuídos entre as seis regionais que compõem o município de Fortaleza, possibilitando uma representação geográfica de toda a área da cidade.

A duração máxima de cada entrevista é de 60 minutos e, a mínima, de 45 minutos. Fez-se a audição de cada entrevista, desconsiderando-se apenas os minutos iniciais.

O levantamento dos dados foi feito transcrevendo-se, foneticamente, os vocábulos contendo as formas variantes da postônica /e/. Nessa transcrição, feita de oitiva, utilizaram-se os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional (SilDoulos IPA93)¹⁷¹. Após isso, foi feita a codificação

¹⁷¹ A fase de transcrição e codificação foi realizada com o auxílio de Brenda Kathellen Melo de Almeida, bolsista de Iniciação Científica da UECE que participa, sob minha orientação, do Projeto de Pesquisa intitulado *As vogais médias postônicas não finais no falar popular de Fortaleza: uma abordagem variacionista*.

dos dados. Em seguida, os dados foram submetidos à análise estatística, feita com a utilização do GOLDVARB X que “é um conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturado para acomodar dados de variação sociolinguística” (GUY & ZILLES, 2007, p. 105).

4. *Análise*

Na primeira análise estatística, foram obtidos 66 ocorrências da postônica anterior, sendo que 8 (12.1%) casos correspondiam à variante alteada, enquanto 58 (87.9%) representavam ocorrências da vogal [e]. Assim, nota-se que a regra de alteamento é pouco privilegiada no *corpus* analisado.

Porém, foi necessário realizar uma segunda análise estatística por terem surgido, na primeira análise, vários nocautes em decorrência de alguns fatores não apresentarem nenhuma ocorrência da vogal [i], beneficiando, exclusivamente, a vogal fechada. Como o programa só opera com dados em variação, foi preciso eliminar alguns fatores que apresentaram comportamento categórico. Estes fatores aparecem descritos abaixo:

- No contexto fonológico subsequente, não foi registrada nenhuma ocorrência de [i] diante de consoante labial e só encontramos uma ocorrência para [e]. Por isso, excluímos o contexto labial da segunda rodada;
- Na variável natureza da vogal precedente, notou-se que as vogais baixas (17 ocorrências), as altas (29 ocorrências) e as médias fechadas (07 ocorrências) só favoreciam a vogal [e]. Como só restaram as médias abertas, viu-se a necessidade de excluir o grupo de fatores, pois o programa só efetua a seleção de variáveis se, em cada grupo de fator, tivermos o mínimo de dois fatores.
- No fator posição da vogal na palavra, só foi encontrada uma ocorrência para [e] no sufixo e nenhuma para [i]. Como esta variável era composta por dois fatores (raiz e sufixo) e o programa exige que cada variável apresente o mínimo de dois fatores, foi necessário excluir este grupo da rodada seguinte.
- Na variável escolaridade, foram registradas 12 ocorrências de [e] e nenhuma ocorrência de [i] para o nível de nenhum a 4 anos

de estudo. Diante disso, tivemos de excluir este fator da rodada definitiva.

Após a exclusão dos fatores mencionados acima, efetuamos a segunda análise estatística. Nesta nova análise, obtivemos 8 ocorrências (15.1%) para a variante [i] e 45 (84.9%) para a variante [e]. Nesta rodada, que deu origem aos resultados estatísticos encontrados nas tabelas abaixo, foram selecionados pelo Goldvarb X, como favorecedores do apagamento da postônica não final, por ordem de importância, os fatores: contexto fonológico subsequente e o contexto fonológico precedente. A seguir, analisaremos cada um dos fatores selecionados pelo programa estatístico.

4.1. Contexto fonológico subsequente

Tabela 01

Atuação do contexto subsequente sobre o alteamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade
Palatal	1/7	14.1	0.89
Alveolar	1/17	5.9	0.09
Labial	6/29	20.7	0.54

Nível de significância: 0.03

Como se pode ver na tabela 01, a consoante palatal pós-vocálica privilegia o alteamento de /e/, posto que a palatal caracteriza-se por apresentar uma articulação alta, favorecendo o ajustamento da postônica em foco à altura desta consoante. Já a alveolar por não apresentar o traço [+alto] inibe a variante alçada. A labial exerce um papel pouco relevante na aplicação da regra, já que o peso relativo atribuído a este fato está muito próximo do ponto neutro.

4.2. Contexto fonológico precedente

De acordo com os dados da tabela 02, nota-se que o comportamento favorecedor da velar deve-se ao fato dessa consoante possuir uma articulação alta, favorecendo o alçamento de /e/ ao contrário da consoante alveolar que apresenta uma articulação baixa. O papel da consoante alveolar já era previsível, pois, como não apresenta o traço [+alto], desfavorece a regra de alteamento.

Tabela 02
Atuação do contexto subsequente sobre o alteamento de /e/

Fatores	Aplica/Total	%	Probabilidade
Alveolar	2/42	4.8	0.27
Velar	6/11	54.5	0.97

Nível de significância: 0.03

5. Considerações finais

O alteamento da postônica não final /e/ é condicionado apenas pela articulação alta das consoantes velar e palatal. No entanto, é bom ter cautela com os resultados obtidos para as duas variáveis linguísticas selecionadas, porque eles parecem muito mais uma consequência da ação de outros fatores, como o tipo de item lexical e a frequência de uso da palavra, do que da vizinhança do tipo de segmento consonantal. Também é preciso lembrar que as proparoxítonas são pouco frequentes na nossa língua e há muita repetição do mesmo item no *corpus*, o que inviabiliza afirmações contundentes sobre as variáveis linguísticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, A. A de. O projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza. XV CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA, Rio de Janeiro: 2007. *Anais*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011. v. XV, nº 05, t.1 p. 835-845. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_1/tomo_1.pdf>. Acesso em: 04-07-2012.
- BAGNO, M. *A norma oculta*. Língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.
- DE PAULA, A. *Vogais médias postônicas na fala do Estado do Rio de Janeiro*. 2010. 162 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- FRANÇA, S. A. O apagamento da vogal postônica não final por falantes de Jaru – Estado de Rondônia. In: *Acta Scientiarum. Language and Culture*: Maringá, v. 31, n. 2, p. 169-182, 2009.
- GUY, G.; ZILLES, A. *Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

LIMA, G de O. *O efeito da síncope em proparoxítonas: uma análise fonológica e variacionista*. 2008. 216 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

RAMOS, A. P. *Descrição das vogais postônicas não finais na variedade do noroeste paulista*. 2009. 175 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2009.

SILVA, A. P. da. *Supressão da vogal postônica não final: uma tendência das proparoxítonas na língua portuguesa com evidências na fala sapeense*. 2006. 133 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006.